1



MALACHI

4 anos

Sinto o vento a soprar-me nos cabelos enquanto o papá me leva aos ombros a caminho do parque infantil localizado no fundo do bairro onde vivemos.

A mamã está a trabalhar, por isso, vamos divertir-nos um pouco antes de a irmos buscar no carro novo do papá. Logo à noite vamos fazer bolachas!

— Divertiste-te na escola hoje? — pergunta-me o papá.

— Sim! — grito.

Agarro-lhe na cabeça num abraço apertado enquanto atravessamos a rua. Pequenas gotas de chuva batem-me no rosto, mas como tenho o impermeável e as galochas, podemos saltar nas poças.

— Papá?

— Sim, filho?

— Podemos comprar mais gelado no caminho para casa?

Ele ri-se e tira-me dos ombros. Rio-me e grito enquanto ele me faz cócegas e me põe no chão. Limpa-me o gelado de chocolate do queixo e pega-me na mão.

— Se tivermos tempo, sim. Temos de ir buscar a mamã ao trabalho daqui a uma hora.

Sorrio e salto, brincando nas poças. De repente, um grande camião passa por nós e estremeço, tapando os ouvidos e fechando os olhos com força.

— Ei! — diz o papá, agachando-se à minha frente até o camião desaparecer, mas os meus ouvidos ainda zumbem dolorosamente. Quero que pare. Porque não para?

Treme-me o lábio, e quando abro os olhos, o papá está a observar-me.

— Está a piorar, não é?

Aceno lentamente com a cabeça. Não gosto de ruídos altos, magoam-me os ouvidos e deixam-me o peito apertado.

— Anda — diz ele, levantando-se e segurando de novo na minha mão. — Brincamos um pouco no baloiço e depois vamos comer mais gelado.

Sorrio, e o papá salta comigo pelo parque infantil, ergue-me e coloca-me no baloiço, empurrando-me com força, e eu sorrio e grito cada vez mais alto.

Não há aqui outras crianças, o que é bom. Nunca vimos cá quando está cheio. Acho que o papá gosta quando estamos só os dois.

Ele leva-me sempre ao parque. Ou à piscina, onde me ensina a flutuar.

Agora conduz-me até ao carrossel.

— Não vou rodar muito rápido — diz, pondo-me o capuz na cabeça; a chuva a ficar mais forte. — Segura-te bem.

Antes que possa começar a girar, ofego e inclino-me.

— Papá, olha!

Há uma aranha a fazer uma teia na barra. É pequena e preta, e as gotas de água estão a atrapalhar. O pai estende o dedo e a aranha rasteja para cima dele.

— Olha só — diz, sentando-se ao meu lado e fazendo o carrossel ranger. Depois, baixa o dedo até à minha mão. — Queres segurá-la?

Aceno com a cabeça e sinto-me até um pouco nervoso ao pousar a mão no colo, com a palma virada para cima, e dou uma gargalhada quando o pai faz a aranha rastejar para a minha mão. É tão pequena, indefesa e solitária. A chuva deve tê-la deixado toda molhada e fria.

— Podemos levá-la para casa?

Mas antes de o papá responder, um trovão rebenta por cima de nós, fazendo-me sobressaltar. As minhas mãos cerram-se e, sem querer, esmago a aranha e deixo-a cair no meio de uma pequena poça de água no metal.

Fico alguns segundos a observá-la com os olhos arregalados. Ela não se mexe.

— Não! — grito, tentando apanhá-la, mas ele impede-me.

— Salva-a, papá!

— Ela está a dormir, filho. O trovão faz com que as aranhas adormeçam. Ela está bem. Vamos comer um gelado agora?

— Mas… mas…

O papá pega-me ao colo e as lágrimas escorrem-me pelas faces.

— Está tudo bem, Malachi. Não fiques triste. Ela está a dormir.

Aconchego-me nele e choro. Sei que esmaguei a aranha. Sei que está morta por minha causa. O meu corpo treme descontroladamente até adormecer nos braços do papá, enquanto ele nos leva para fora do parque infantil.

— És um menino tão bom, Malachi.



Gosto quando está tudo sossegado. Os meus ouvidos não doem e as borboletas no estômago não aparecem, à espera de que alguém grite comigo.

A casa nunca está sossegada.

Quando fico sozinho em casa, posso brincar com as caixas que a mamã deixa espalhadas. Às vezes são suficientemente grandes para eu entrar, fechar a tampa e esconder-me até a mamã voltar e me levar para o meu quarto.

Estou com bastante medo de procurar as caixas. Será que a mamã já chegou? E o papá? Há muito tempo que não o vejo.

Deslizo para fora da cama, quase caindo em cima do saco de roupa suja enquanto me dirijo para a porta do meu quarto. Puxo a maçaneta e curvo o lábio inferior.

Porque não abre?

— Mamã? — chamo, batendo com o pequeno punho na porta. Tusso para a mão e volto a bater. — Papá?

Como todas as noites, não obtenho resposta. Fico triste porque a mamã já não me abraça. O papá costumava abraçar-me até eu chorar a rir.

A música está muito alta, a mamã não me vai ouvir outra vez. As lágrimas acumulam-se nos meus olhos e baixo a cabeça enquanto volto para a cama. Tropeço. Não consigo ver para onde vou porque a mamã tirou a minha luz de presença depois de lhe perguntar quando é que o papá regressaria do trabalho para me ler uma história a fim de adormecer.

A mamã disse que eu estava a ser mau por não dormir, mas eu não me sentia cansado. A barriga e a bochecha doíam-me porque a mamã me bateu quando chorei para que ela me lesse o livro.

Limpo as faces molhadas com as costas das mãos e abraço o meu cobertor para tentar aquecer-me. Agora está sempre frio. A chuva entra pela janela e encharca o chão. Tentei limpar a poça que molhava os meus brinquedos com o ursinho de peluche e agora também ele está estragado.

Adormeço, e depois acordo com a mamã a abraçar-me. Ela tem um cheiro estranho e a cama está molhada. Talvez precise de usar fraldas como eu. Às vezes, tenho comichão, especialmente quando as uso durante vários dias seguidos.

Sorrio ao olhar para o seu rosto. Os olhos estão fechados e ela ressona, por isso, enfio a cabeça no seu peito e adormeço de novo.

Volto a sentir-me feliz.

A noite seguinte é igual.

Bem como na semana seguinte. E assim acontece por mais semanas. E meses.

Terei cinco anos agora?

A mamã disse que sou estranho. Ela não gosta quando sou assim. Como posso deixar de ser estranho? Não quero ser estranho. Ela culpa-me por o papá ter fugido.

Depois da escola, a mamã dá-me a mão até ao autocarro. Conta-me que o papá me enviou um presente de aniversário que está à minha espera em casa. Sorrio de excitação, saltitando o resto do caminho e puxando a mamã, pois ela mal consegue andar a direito e cheira a cerveja.

— Devagar, Malachi — repreende-me, puxando-me o braço com força suficiente para doer e fazendo o meu sorriso desaparecer.

Hoje, ela usa um batom vermelho-vivo. Parte dele está borrado no canto e manchou-lhe os dentes, mas não digo nada, pois da última vez que o fiz, ela gritou comigo.

— Desculpa — respondo baixinho e caminho devagar até casa com uma dor no braço. Julgo que ela me arranhou, mas não me queixo.

Vejo uma caixa com pequenos buracos em cima da mesa e um aquário de vidro ao lado. Há um cartão de aniversário com um grande cinco na frente, e a minha mãe deita-se no sofá enquanto abro o cartão, tentando ler o que está escrito. Embora a mamã ache que sou burro, a minha professora diz-me sempre que sou ótimo com palavras, por isso, mesmo que a letra esteja confusa, consigo ler a mensagem.

Malachi,

Lamento não poder continuar ao teu lado, filho. Espero que um dia me perdoes por ter partido. Sabes, a cabeça do papá não é um lugar agradável, e não é bom para ti nem para a tua mãe. Esforcei-me muito, mas vocês merecem melhor.

Gostaria de poder escolher-te e lutar contra o veneno na minha mente, mas não consigo. Um dia voltaremos a ver-nos, mas espero que não seja tão cedo.

O teu novo amigo de oito patas vai proteger-te, tal como sei que também o vais proteger. Sugiro os nomes Rex *ou* Spikey. *Não tenhas medo dele.*

Afinal de contas, és um aracnófilo, tal como eu.

Com amor, Papá.

Franzo o sobrolho e olho para cima, vendo que a mamã já dorme no sofá. O que quer dizer o papá? Porque não me pode escolher? Para onde é que ele vai?

Viro o olhar para a caixa, deixo cair o cartão na mesa e aproximo-me lentamente. As minhas unhas compridas e sujas retiram a fita adesiva da parte superior e suspiro quando a abro, vendo uma enorme aranha peluda a rastejar.

Os meus olhos arregalam-se.

— Hum, mamã?

Ela continua a ressonar, e quando a abano, empurra-me, fazendo-me cair de rabo no chão.

— Vai-te embora.

Levanto-me e olho de novo para a caixa, hesitante e ligeiramente assustado, antes de me aproximar dela outra vez e olhar para baixo, de modo a ver o animal de estimação que o papá me deixou. Depois, enfio a mão e ponho-a no fundo para ver se vem ter comigo, tremendo um pouco quando corre para a minha palma. Faz-me cócegas, mas o meu coração bate tão rápido que nem me importo.

Será que me vai morder?

Levanto a mão com a aranha até estar à altura dos meus olhos.

— Olá — digo com a minha voz estridente. — És o meu novo melhor amigo.



Nas semanas seguintes, a vida tornou-se novamente um pouco mais divertida. A mamã disse-me que o meu novo animal de estimação era uma tarântula e que tinha de o manter no meu quarto. Chamei-lhe *Rex*.

Ele dorme no seu aquário enquanto me deito na cama. Às vezes, canto para ele. Até me observa enquanto lhe leio um livro, para a mamã não ter de o fazer.

Agora, não vejo a mamã com grande frequência. Ela está sempre ocupada com os amigos. Sinto falta do meu pai, mas ele disse que voltará a ver-me, por isso vou esperar que regresse a casa.

Há sempre homens grandes e maus em casa. Um deles entrou no meu quarto uma vez e tentou levar o *Rex*, mas a minha mãe começou a trancar a porta do meu quarto com duas chaves.

Há muitas pessoas em casa agora, mas preciso de dormir. Quero sair. Não posso ir à escola porque estou doente. Mas sinto-me bem. Porque não me deixa a minha mãe sair para brincar?

O papá costumava brincar comigo. Eu escondia-me e ele tentava encontrar-me. Perseguia-me até me rir e gritar tão alto que me doía

a garganta, e as lágrimas escorriam-me pelo rosto, enquanto eu sorria para o meu herói.

Agora, o *Rex* é o meu único amigo. Ele é silencioso. Eu também. A mamã não gosta que eu já não fale com ela, mas prefiro guardar as coisas para mim. Tudo o que digo acaba sempre com uma bofetada na cara ou com ela a gritar comigo.

Ele é o único que fala comigo sem usar palavras. O meu melhor amigo. O meu protetor. O meu herói até o papá voltar.

Os meus olhos abrem-se quando ouço uma porta bater no andar de baixo.

Estarei a dormir? Não sei se as estrelas ainda estão lá fora; a mamã pintou a minha janela de preto e não me é permitido sair do quarto. Não que eu queira. A casa está muito desarrumada, os cães fazem cocó por todo o lado e nunca há comida.

Penso que o *Rex* também deve ter fome.

Da última vez que falei com a mamã, disse-lhe que não queria usar fraldas. Sei ir à casa de banho, mas não me é permitido.

Coço. Dói quando me sento. Ela mandou-me calar, e eu chorei para o *Rex* até concordarmos em não deixar mais ninguém ouvir as nossas vozes. Ele conseguiu e, depois de semanas de silêncio, eu também consigo.

Levanto-me com as pernas a tremer e abro o aquário do *Rex*, encontrando o meu amigo enfiado na sua pequena toca. Coloco a palma da mão em baixo e ele demora alguns minutos a sentir o meu cheiro e a rastejar até à minha mão.

Os gritos são cada vez mais altos e a minha respiração torna-se ofegante.

Não te preocupes, digo para comigo. *Vou proteger-te.*

Sobressalto-me quando uma gargalhada alta e estrondosa atravessa a porta.

É o meu último aviso para me esconder debaixo da cama. Rastejo para lá, ponho o *Rex* no chão à minha frente, encosto o queixo às palmas das mãos e espero que as vozes desapareçam.

De repente, ouço a porta do meu quarto a destrancar e a abrir. São duas pessoas. Vejo as suas meias sujas a explorar o espaço e, de repente, surge um par de botas.

— Foda-se! Cheira a merda aqui dentro. Onde está ele?

— A Elise disse que ele se encontrava cá. Quanto lhe pagaste?

— Cinquenta — responde. — A cabra ainda respira?

— Mal. Mas certifiquei-me de que tomou mais do que o suficiente para a matar.

Com o coração a bater forte no peito, contenho a respiração, pois isso ajuda-me sempre a não chorar, apesar de doer e de me fazer lacrimejar os olhos.

As botas aproximam-se da minha cama. Engulo em seco e tento afastar-me.

O meu coração acelera enquanto seguro no *Rex* para o proteger. Não vou deixar que o magoem. Eu…

Uma mão agarra-me no tornozelo, e o grito que quero soltar faz-me arder os pulmões enquanto sou arrastado de baixo da cama. Vejo um homem barbudo a sorrir-me.

Fecho os olhos e grito tão alto na minha cabeça que o meu cérebro dói e fico zonzo.

Aperto o *Rex* contra o peito, com os olhos a arder de lágrimas, enquanto o homem me agarra no queixo. Abro os olhos e vejo o outro a sorrir com uma boca desdentada. O seu olhar recai sobre as minhas mãos.

— O que temos aqui?

Ele agarra no *Rex*, e entro em pânico, incapaz de juntar as palavras para lhes dizer que parem e não atirem com o *Rex* para a frente e para trás como se fosse um jogo. O homem agarra no *Rex* com os dedos, e encaro-o, desesperado, de olhos arregalados, para que não magoe o meu melhor amigo. Quero gritar que o deixem em paz, mas não consigo.

Não consigo. Não consigo, não consigo, não consigo.

O *Rex* é o que me resta do papá até ele vir buscar-me.

— A tua mãe está a morrer — diz ele. — Queres que a ajudemos?

Aceno com a cabeça, o lábio inferior a tremer.

Por favor, salvem-na. Por favor, por favor, por favor.

— Usa as palavras, rapaz.

Os meus lábios abrem-se, mas não sai nenhum som. Não consigo. O que há de errado comigo?

Ele ri-se alto e olha para o amigo.

— Acho que traumatizámos o miúdo.

— Leva-o para baixo. Mostra-lhe a puta da mãe a dar os últimos suspiros.

Sou agarrado pelo ombro e puxado para cima e ele volta a rir-se.

— Ele usa o raio de uma fralda.

— Quero os meus cinquenta dólares de volta — responde o amigo, fazendo uma careta.

Levam-me para baixo e ouço os cães a ladrar, presos na cozinha. O homem deixa-me cair no chão. Abro os olhos e vejo a minha mãe, com vómito a escorrer-lhe da boca. Ela olha para mim, sem pestanejar, enquanto o peito luta para subir e descer. Faz um barulho horrível, como se estivesse engasgada.

Oh, não! Mamã? Estás bem?

Não consigo formar as palavras.

— Implora e podemos salvá-la e chamar os paramédicos.

Olho para o homem barbudo; os meus dentes batem de medo.

Não consigo.

Não a consigo salvar.

— Hum — murmura ele enquanto agarra algo na mesa. — O miúdo tem voz. A Elise mostrou-nos aqueles vídeos dele, lembras-te? Só precisamos de o fazer falar. O que está aqui dentro?

Ele levanta a coisa pontiaguda com que vi a minha mãe a brincar e o amigo encolhe os ombros.

Sinto uma dor aguda no braço, contenho a respiração e fecho os olhos enquanto os homens se riem.

— É teimoso como a mãe.

Os meus olhos tornam-se estranhos, não os consigo controlar, nem ao corpo, e fico fraco e cansado muito depressa.

Horas depois, sento-me no chão. A minha mãe continua na mesma posição, mas os seus lábios estão azuis e os olhos permanecem abertos.

Os homens maus estão sentados no sofá.

— Olha, o pequeno sacana acordou outra vez.

Doem-me os pés. E também os braços.

Eles têm o *Rex*.

— Temos de partir em breve, mas fizemos uma aposta para ver quem consegue forçar-te a emitir um som. És como um ratinho, não és, miúdo? É triste. — Ele olha para a minha fotografia com a mamã e o papá, os três felizes, enquanto sorrio para a câmara nos braços do meu pai. Os nossos cães também estavam bem-comportados, sentados para a fotografia. — Uma boa vida que se tornou má em tudo.

Ele suspira profundamente e segura o *Rex* na palma da mão.

— Sabes contar? — pergunta-me.

Aceno com a cabeça, de forma trémula. Os meus dentes cerram-se enquanto mantenho os olhos no meu amigo.

Depois, tudo dentro de mim grita quando ele arranca as patas do *Rex*, uma a uma, lentamente. Diz-me que conte, fale, grite, mas quando percebe que não vou fazer barulho, esmaga o meu melhor amigo na mão, deixa-o cair no chão e pisa-o com a bota.

Devia gritar. Devia chorar. Devia fazer alguma coisa. Mas não consegui protegê-lo, tal como não consegui proteger a mamã.

Falhei.



— Ele está muito magro — diz uma senhora enquanto o médico me aponta uma luz para os olhos. — Tinha a fralda suja quando foi encontrado. Tem feridas e erupções cutâneas por todo o corpo.

Alguém resmunga e fico com medo. Sinto-me sonolento e quero a mamã e o papá. Quero ir para casa.

— O pai?

— Morto. Suicídio — acrescenta alguém baixinho. No entanto, a minha audição está melhor do que nunca desde que deixei de falar, pois consigo concentrar-me mais no que me rodeia. — Os serviços sociais estão reunidos neste momento para encontrar um lar de emergência.

— Esta criança não sai do hospital tão cedo. Podemos administrar-lhe mais líquidos. Também precisamos de fazer análises ao sangue. Há marcas de picadas nos braços e na planta dos pés.

— Ele tem uma aranha morta no bolso. — A voz da senhora esmorece e ela sussurra: — Meu Deus.

Pestanejo. Continuam a fazer-me perguntas, mas não respondo. Eles também me podem magoar.

Uma lágrima escorre pela minha face quando penso no tempo que fiquei deitado no chão com o *Rex* e a minha mãe. Eles não acordavam. Mais lágrimas escorrem e sinto uma mão no ombro, que me faz estremecer e afastar-me.

— Agora estás em segurança — afirma a senhora. — Podes dizer-me o teu nome?

Eles já sabem o meu nome.

Chamo-me Malachi.

Mantenho os lábios cerrados e fecho os olhos com força. Talvez, se contar até dez, todos desapareçam.

Começo a contar na cabeça.

Não sei até onde contei antes de adormecer novamente.